



A importância do extrativismo da castanha do Brasil (*Bertholletia excelsa* Bonpl.) para a consolidação da autonomia do povo Mëbêngôkre-Kayapó e uso sustentável da floresta no Sul do Pará

*The importance of extractivism of Brazil nut (*Bertholletia excelsa* Bonpl.) to consolidate the autonomy of the Mëbêngôkre- Kayapó people and the sustainable use of the forest in the south of Pará*

GUIMARÃES, Eguinaldo dos Santos¹; PEREIRA, Bruno Américo Carvalho²;
SALLES, Nilson Vicente de³; SILVA, Ronei de Jesus⁴; NIEMEYER, Fernando⁵;
KAYAPÓ, Mopa⁶

^{1,2,3,4,5,6} Associação Floresta Protegida (AFP)/Cooperativa Kayapó de Produtos da Floresta – Coobâ-Y, eguinaldoguimaraes@gmail.com; brunoamericoster@gmail.com; nilson@florestaprotegida.org.br; ronei@florestaprotegida.org.br; fernando@florestaprotegida.org.br; kayapomopa@gmail.com

Eixo Temático: Economia dos Sistemas Agroalimentares de Base Agroecológica

Resumo: Este texto trata da experiência da Cooperativa Kayapó de Produtos da Floresta (CooBâ-Y) com a cadeia produtiva da castanha-do-Brasil na safra 2016/2017. Os focos principais foram os processos de comercialização de castanha que aconteceram entre os meses de dezembro de 2016 a março de 2017 na Terra Indígena Kayapó, região sul do Estado do Pará. A comercialização de castanha pela Coobâ-Y envolveu cerca de 345 famílias de 15 aldeias diferentes o que possibilitou aos Mëbêngôkre o usufruto de bens e serviços a partir de seu trabalho, gerando autonomia, proteção territorial, valor para as florestas e geração de serviços ambientais.

Palavras-chave: Cooperativismo, Extrativismo, Povos indígenas, sociobiodiversidade.

Keywords: Cooperativism, Extractivism, Indigenous People, Sociobiodiversity.

Contexto

A experiência ocorreu na Terra Indígena Kayapó (TIK) nos meses de dezembro de 2016 a março de 2017, na região sul do Estado do Pará, mais especificamente nos municípios de Ourilândia do Norte, Tucumã, e São Felix do Xingu.

Nessa região, há décadas o povo Mëbêngôkre-Kayapó vêm sofrendo uma forte pressão de um modelo de desenvolvimento pautado no agronegócio e na exploração de madeira e minérios, estando localizada bem no centro do que ficou conhecido como "arco do desmatamento" na Amazônia. Cedendo a essas pressões e em busca de uma fonte de renda, na década de 1980 e 1990, os Kayapó iniciaram a exploração madeireira e a mineração de ouro, atividades predatórias, que à época eram consideradas atividades que visavam o desenvolvimento deste povo, mas que no decorrer do tempo se mostraram insustentáveis (Jerozolinski et al., 2011).

A partir do ano 2000, e diante dessa realidade, o Povo Mëbêngôkre, começou a procurar apoio para o desenvolvimento de alternativas sustentáveis de geração de renda (ZIMMERMAN et al., 2001). E uma dessas alternativas era a extração de



amêndoas de castanha-do-Brasil (*Bertholletia excelsa* Bonpl.), tanto para comercialização *in natura* quanto para a retirada de óleo. Foi neste contexto que surge em 2002 uma organização indígena dos próprios mēbêngôkre, a Associação Floresta Protegida (AFP). O desenvolvimento de alternativas econômicas através do fortalecimento de cadeias produtivas do agroextrativismo se tornou um dos mais importantes objetivos da organização, e em 2011 a AFP ajudou na fundação de uma cooperativa, a Bâ-Y Cooperativa Kayapó de Produtos da Floresta (CooBâ-Y), a qual ficou responsável pela compra e venda de diversos produtos do agroextrativismo Kayapó, estando dentre os principais a castanha-do-Brasil.

Atualmente a CooBâ-Y atende 22 aldeias do Povo Mēbêngôkre- Kayapó localizadas em três Terras Indígenas: I TI Kayapó, TI Mēkrāgni e TI Las Casas, todas no Sul do Pará, sendo que a maioria das aldeias cooperadas e coletoras de castanha se encontram na TI Kayapó, ao longo dos Rio Fresco, Riozinho e Xingu.

Descrição da experiência

Um dos primeiros desafios da Cooperativa foi estabelecer, logo ao início da safra, o preço a pagar pela castanha dos coletores Mēbêngôkre. Não foi uma tarefa fácil. O preço da castanha no mercado sofre bastante influência do que acontece em toda a região produtora, e as previsões sobre a safra são difusas e com alto grau de incertezas. A CooBâ-Y procurou pagar o melhor valor possível aos coletores Kayapó, tendo em conta que é preciso conseguir vendê-la por um valor que cubra as despesas. Na cultura Mēbêngôkre, geralmente a coleta é realizada em grandes grupos familiares que se deslocam até os castanhais (*Pi-y kô*) e passam entre duas a quatro semanas nessa atividade, tendo despesas com alimentação durante a extração e com combustível para o transporte da castanha até os pontos de venda.

Para estabelecer o preço de compra foi preciso acompanhar a movimentação comercial da castanha na região e assim atribuir um preço justo ao produto, também como forma de competir com o atravessador. No mês de dezembro de 2016, início da comercialização, a CooBâ-Y estabeleceu em R\$ 200,00 (Duzentos reais) o preço de compra de 1 hectolitro (100 litros). Um valor 25% maior que o que a própria cooperativa pagou na safra anterior (R\$ 160,00) e 57,5% maior que o estabelecido pelo comunicado CONAB/MOC N° 014, de 15/07/2016, que foi de R\$ 127,00 (cento e vinte e sete reais) 1 hectolitro (hl) (CONAB/MOC, 2016).

Estrategicamente, foram designados os locais de comercialização da castanha que melhor atendesse as necessidades dos Mēbêngôkre (Figura 1). Esses locais foram estabelecidos para aproximar a CooBâ-Y das aldeias coletoras e possibilitar o apoio logístico, evitando o deslocamento oneroso até a cidade de Tucumã-PA, bem como outros pontos de venda de atravessadores.

No P9, porto no Rio Fresco na divisa da TI Kayapó que dista cerca de duas horas da cidade de Tucumã por estrada, a comercialização foi feita em parceria com uma agricultora moradora deste local que comprou a castanha das aldeias mais próximas.



Este ponto de apoio à comercialização atendeu as aldeias do Rio Fresco (Apeiti) e parte das aldeias que se encontram no Riozinho (Pykatum, Ngôiamroti, Ngôméiti, Pykakyti, Kranōti, Moikarakô e A'Ukre), e famílias que se deslocaram da Terra Indígena Las Casas (aldeias Kaprankrere e Tekrejarôti-re).



Figura 1. Localização das aldeias. Fonte: AFP, 2017

Em janeiro de 2017, a equipe da CooBâ-Y, dois Mëbêngôkre e três não indígenas (*kubem*), iniciou os trabalhos na localidade Cachoeira (*Krãry*) no Riozinho, onde instalou-se um dos pontos de apoio mais estratégicos para comercialização da castanha, um galpão de madeira elevado com cobertura de zinco. Neste sítio os Mëbêngôkre têm muita dificuldade de transitar com carga, devido a uma formação rochosa que dá origem a uma forte corredeira. Este ponto de apoio da Cachoeira atendeu as aldeias do alto Riozinho: A'Ukre, Kedjerekrãn, Pinkeitykre e Kubenkrankei, além de Moikarakô que fica a baixo e próximo deste local.

A comercialização neste local foi realizada em duas etapas: uma nos meses de janeiro e fevereiro e a outra no mês de março, para melhor atender as demandas das aldeias, e que possibilitou às famílias se deslocarem para outros castanhais. A logística para o escoamento da castanha e a saída da equipe do *krãry* deu-se através da parceria com a FUNAI, que disponibilizou o barco, e a cooperativa com a incumbência do pagamento do barqueiro. As atividades finalizaram neste ponto de apoio no dia primeiro de abril de 2017.

Em fevereiro de 2017 a equipe da cooperativa, composta por dois funcionários, se deslocou para as aldeias no rio Xingu. Dentro da TI a equipe se fixou em um acampamento chamado "roça do soldado", próximo à aldeia Pykararãkre, efetuando-se ali a compra de castanha dos Mëbêngôkre. Posteriormente, a equipe subiu o rio rumo a outro castanhal para atender a demanda da aldeia Kawatire.



Finalizada a compra de castanha nestas aldeias, a CooBâ-Y realizou o transporte para São Felix do Xingu. A equipe organizou ainda a compra de pequenas quantidades de castanha das aldeias abaixo (Kruwanhôngô e Kokraimoro). Do coletado das aldeias do Rio Xingu, uma pequena parte da compra foi operacionalizada pela CAMPPAX (Cooperativa Mista de Pequenos Produtores do Alto Xingu) em São Felix do Xingu com o capital de giro da CooBâ-Y e outra comprada pela própria cooperativa diretamente nas aldeias e acampamentos dentro da TI, ao longo do rio Xingu.

Apesar do mercado de castanha negociar tanto em peso quanto em volume, a CooBâ-Y definiu que sua forma de compra é em volume, já que o peso é muito variável conforme a umidade da castanha. A unidade utilizada para realizar a medição da castanha e a compra foi o “litro”, que custava nesse período (meados de janeiro de 2017), dadas as relações de concorrência no mercado, R\$ 2,20 (dois reais e vinte centavos), um valor 4,7% maior que o valor pago em dezembro de 2016 pela cooperativa, aumentando para R\$ 2,70 o litro em meados de fevereiro.

Todo registro de compra foi feito em um bloco específico contendo informações do vendedor, como: dados pessoais, nome da aldeia, nome do castanhal, quantidade em litros, o que facilitou o controle financeiro e a identificação dos coletores e a quantidade coletada por cada aldeia. Do total da castanha comprada das aldeias, uma parte foi vendida *in natura* e outra parte foi beneficiada em parceria com a CAMPPAX.

Resultados

A experiência da CooBâ-Y com a cadeia produtiva da castanha do Brasil na safra 2016/2017 foi positiva, seja pelo alcance no que diz respeito à compra, seja pela expressiva geração de renda para os Mëbêngôkre-Kayapó, garantindo na extração da castanha uma alternativa *mejdjwyj* (“muito boa”) para gerar renda sustentável, protegendo seus territórios e retirando da floresta o que ela facilmente repõe.

Ao todo, foram beneficiadas com o processo de compra de castanha 345 famílias Mëbêngôkre de 15 aldeias, totalizando uma quantidade de 1.430,3 hectolitros comprados, aproximadamente 71 toneladas. A maior parte desse montante foi comprado das aldeias localizadas acima da cachoeira nas margens do Riozinho, onde há alta concentração de castanhais. As cinco aldeias com maiores coletas entre as cooperadas, foi A'Ukre (509,7 hl), seguida de Kubenrankei (242,3 hl), Kedjerekrân (223,3 hl), Pykararãkre (94,4 hll) e Apeiti (63,7 hll) (Figura 1), sendo as três primeiras do Riozinho, a quarta do Rio Xingu e a quinta do Rio Fresco.

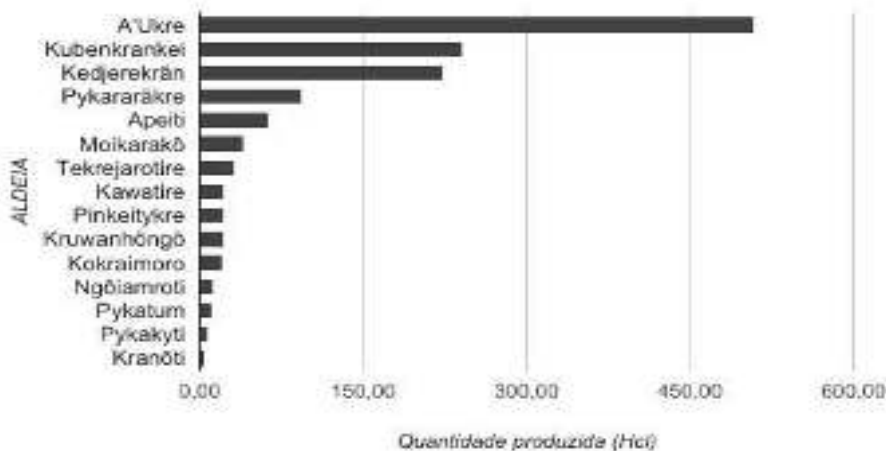


Figura 2. Quantidade de castanha do Brasil produzida, em hectolitro (hl), por aldeia Kayapó cooperadas à Coobâ-Y, TI Kayapó. Fonte: Coobâ-Y, 2017.

Em termos de geração de renda, a safra da castanha 2016/2017 injetou mais de R\$ 349.000,00 nas aldeias, sendo 35% em A'ukre, 18% Kubenkrankel, 17% Kedjerekrã e 6% em Pykararãkre, contribuindo diretamente com a luta pela autonomia econômica através de atividades sustentáveis e que valorizem o território e a cultura indígena.

A cooperativa também atuou em outras frentes de geração de renda, através da contratação de serviços dos próprios Mëbêngôkre: organização do trabalho, registro e controle, frete de voadeiras, ensacamento e transporte de castanha. No posto Cachoeira, por exemplo, o pagamento pelos serviços realizados pelos indígenas totalizou 35% e 9% dos custos na 1ª e 2ª etapa de compra, respectivamente.

A compra de produtos da sociobiodiversidade, como a castanha do Brasil, gera ainda outros efeitos adjacentes importantes. Com a valorização dos ecossistemas que os produzem, estimula-se sua proteção e gera, além da renda direta, serviços ambientais importantes. Outros pontos a ressaltar nesse processo entre os Mëbêngôkre-Kayapó, são a perpetuação do conhecimento tradicional relacionado aos ambientes vivenciados, além do monitoramento territorial realizado durante o deslocamento para acessar os castanhais, possibilitando a vigilância e proteção da TI.

A atuação da Coobâ-Y, com o apoio da AFP, cumpre seu papel de fortalecer a autonomia com a geração de renda para os Mëbêngôkre-Kayapó, povo que a cada dia vê seus territórios mais ameaçados, seja pela pressão de agentes externos ligados à iniciativa privada, seja pela negligência e mudanças na legislação sugeridas ou apoiadas pelo Estado brasileiro, nas esferas do poder Legislativo e Executivo.

Agradecimentos

Ao povo Mëbêngôkre-Kayapó, à Associação Floresta Protegida (AFP) em nome de seu coordenador executivo Adriano Jerolimski, Bâ-y Cooperativa Kayapó de



Produtos da Floresta (Coobâ-y), Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e à Cooperativa dos Pequenos Produtores do Alto Rio Xingu (CAMPPAX) pelo apoio.

Referências bibliográficas

CONAB/MOC. **Normas específicas de Castanha-do-Brasil com casca-Extrativista-Safra 2016/2017.Título 74.** Comunicado CONAB/MOC Nº.014 de 15/07/2016. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/conabweb/moc.php>. Acesso em 29 abr. 2017.

JEROZOLIMSKI, A.; RIBEIRO, M.B.; INGLEZ DE SOUZA, C.; TURNER, T. Cisões Recentes e Mobilidade em Comunidades Kayapó. **Povos Indígenas do Brasil 2006-2010.** Instituto Socioambiental ISA. P:451-454. 2011.

ZIMMERMAN, B., PERES, C.A., MALCOLM, J.R.; TURNER, T. Conservation and development alliances with the Kayapó of the south-eastern Amazonia, a tropical forest indigenous people. **Environmental Conservation.** 2001. 28 (1):10-22.